

Contribuições de teorias benjaminianas para análises de produções artísticas modernas

Ivani Maria Pereira¹

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha²

Resumo: O propósito deste texto é trabalhar as teorias de Walter Benjamin a partir de reflexões sobre composições artísticas, principalmente, literárias, dentro do contexto moderno. O foco é pensar as transformações sofridas pela sociedade e, conseqüentemente, pelas suas formas de representação que exigem das pesquisas, ou seja, das análises teóricas, uma postura mais interdisciplinar para possibilitar leituras atualizadas e coerentes com o panorama sociocultural, político, psicológico.

Palavras-chave: Composições artísticas; teorias modernas; Walter Benjamin.

Introdução:

Iniciaremos esta abordagem dos estudos benjaminianos com ilustração da parábola exposta por Benjamin no ensaio *Experiência e pobreza*, com a finalidade de alicerçar a compreensão de questões relevantes para a teoria literária, como o sentido da experiência, quer dizer do processo de “transferência” de conhecimentos.

Em nossos livros de leitura havia uma parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. (BENJAMIN, 1994, p 114)

Percebemos o intuito de evidenciar a transmissão de conhecimentos numa perspectiva de herança, a qual possui uma validade muito significativa para constituição do Homem enquanto “construtor” de sua própria identidade. Con-

¹ Mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: ivanimp8@hotmail.com

² Professora e orientadora no PPGET/UFU, Dra. em Literatura, com Pós-Doutorado em Literatura Comparada.

tudo, temos no seu exercício uma crítica à perda do que Benjamin chama de experiência, ou seja, a trajetória do “progresso” social é de desenvolvimento da técnica, cujos resultados demonstram a desvalorização dos conhecimentos passados de geração a geração. Tomamos como exemplo, a questão da perda das histórias orais, as quais fizeram parte do cotidiano de muitas culturas anteriores e, atualmente, perderam seu valor e deixaram de ser transmitidas.

Nesse sentido, precisamos refletir sobre o valor dos estudos de uma tradição para a interpretação de obras artísticas, sobretudo, de manifestações literárias contemporâneas. A questão de reconhecer a importância da tradição está na capacidade de distinguir a necessidade de uma ou outra abordagem que favoreça o potencial de contribuições de cada obra; garantindo, assim, um compromisso para exploração de conteúdos relevantes para a conjuntura social.

Com esse foco de servir-se da literatura para formação de intérpretes, talvez, mais do que isso, conhecedores dos processos culturais compartilhados em sociedade, analisaremos as contribuições das teorias de Walter Benjamin para os estudiosos literários. Devemos ressaltar que a proposta não é comprovar superioridade dos argumentos benjaminianos, mas instigar a necessidade de trabalhar a literatura em profundidade.

Entendemos melhor esse papel do crítico literário e sua importância por meio das explicações de Antonio Candido que, na introdução da *Formação da literatura brasileira*, faz a seguinte inferência:

É o que fazem, aliás, os críticos mais conscientes, num tempo, como o nosso, em que a coexistência e rápida emergência dos mais variados critérios de valor e experimentos técnicos; em que o desejo de compreender todos os produtos de espírito, em todos os tempos e lugares, leva, fatalmente, a considerar o papel da obra no contexto histórico, utilizando este conhecimento como elemento de interpretação e, em certos casos, avaliação. (CANDIDO, 1959, p 06)

A formação de críticos mais conscientes está, de certa forma, condicionada à valorização dos estudos da tradição literária que Candido reconhece no conhecimento oriundo da capacidade de situar uma obra em um contexto histórico. Sendo assim, um reforço para a ideia de perceber o crítico literário como um conhecedor dos processos culturais compartilhados na sociedade.

Benjamin (1994) nos questiona a respeito do valor do nosso patrimônio cultural na medida em que a experiência não mais vincula à nossa humanidade. A indagação nos oferece possibilidades de, ao menos, tentar interpretar a relação, ou seja, resultados mais próximos da compreensão da representatividade inerentes às obras de arte, quer dizer que devemos, enquanto analistas de produções artísticas, que relacionam diretamente com as manifestações culturais, estabelecermos uma correspondência entre tradição e cultura.

Os estudos culturais em foco

Para começar, podemos pensar qual seria nossa cultura contemporânea de forma mais ampla. E, por consequência, vamos ao encontro com os estudos culturais e, de alguma forma, temos que investigar a tradição cultural para remontar o percurso, do qual somos resultado. Desse ponto de vista simplificado, percebemos o quanto é problemática uma busca por essa herança cultural e nos exige experimentar os conhecimentos que podem ser oferecidos de maneira mais simples por meio da História, ficcional ou não.

No tangente à dificuldade em definir cultura, torna-se clara a importância da experiência, possibilitando registros capazes de colaborar com o resgate da competência histórica. Essa forma de proceder à análise do que podemos compreender por cultura está em consonância com a linha teórica de Stuart Hall, estudioso dessa vertente dos estudos culturais.

Na “experiência” todas as práticas se entrecruzam, dentro da “cultura” todas as práticas interagem — ainda que de forma desigual e mutualmente determinante. Nesse sentido a totalidade cultural — do processo histórico *em seu conjunto* — ultrapassa qualquer tentativa de manter a distinção entre as instâncias e elementos. A verdadeira conexão entre estes, sob certas condições históricas, deve ser acompanhada pelo movimento totalizador “no pensamento” durante a análise. (HALL, 2011, p. 134)

A noção de experiência interpretada como uma tentativa de tocar o passado é importante para análise de uma obra, principalmente, numa vertente cultural, pois não é possível conhecer o passado tal qual ele aconteceu; no entanto, a reconstrução do processo será mais próxima por meio da interação das práticas, ou seja, o movimento totalizador que Hall aponta como possibilidade para chegar à totalidade cultural.

Refletir sobre as questões culturais e de identidade proporciona aos investigadores um suporte eficaz para o reconhecimento da natureza de seu trabalho com uma obra selecionada. A ideia primordial de Benjamin, de crítica à perda de uma herança narrativa está relacionada também ao rompimento com a possibilidade de “recuperar” as condições de tempo, de lugar, entre outros. A interpretação dos processos de relações sociais estabelecidos é um recurso imprescindível ao intelectual moderno para situar a produção artística no tempo e no espaço, elementos da composição textual, por vezes, tão caro ao crítico.

Dessa forma, pontuamos uma contribuição da teoria benjaminiana para o crítico literário, o qual deve estar inteirado das transformações culturais e, mais ainda, das explicações para as mudanças, pois a significação atribuída a uma obra passa inicialmente pelo esforço de compreensão para depois interpretar, segundo perspectivas coerentes para um contexto plural³.

³ O termo pluralismo foi utilizado Walter Benjamin.

A menção a uma “cultura de vidro”, que faz parte da realidade atual das relações sociais, suscitada por Benjamin é um excelente exemplo para o entendimento de uma análise pautada em caminhos investigativos conscientes da configuração da sociedade. Essa cultura é resultado de um processo de distanciamento da humanidade com a intensidade, ou seja, as pessoas não têm paciência para produzir algo rico em detalhes.

Em seus edifícios, quadros e narrativas a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura. E o que é mais importante: ela o faz rindo. Talvez esse riso tenha aqui e ali um som bárbaro. Perfeito. No meio tempo, possa o indivíduo dar um pouco de humanidade àquela massa, que um dia talvez retribua com juros e com os juros dos juros. (BENJAMIN, 1994, p 119)

Reconheçamos, então, no texto benjaminiano uma avançada leitura das questões sociais e culturais que fazem do mesmo um conteúdo bem atualizado até mesmo nos dias de hoje; evidenciando uma condição indispensável a um teórico que é a de “entendedor” de sua sociedade e dos seus mecanismos de funcionamento na medida em que as obras artísticas são produtos deste contexto.

A arte de narrar

Walter Benjamin dedicou muito de seus estudos à figura do narrador, colocando-o na posição daquele que sabe dar conselhos. Numa mesma linha de raciocínio que contempla o sentido de experiência até aqui discutido, estamos diante de um olhar para o papel do narrador dentro de uma perspectiva de definição da arte de narrar. E, mais uma vez, a observação das proposições desenvolvidas por Benjamin visam encontrar subsídios que contribuam para análises de textos literários, principalmente, os modernos.

O surgimento do romance é colocado em pauta e discutido com a intenção de estabelecer um paralelo entre narrativa coletiva e individual. Neste ponto, temos uma grande fonte de conhecimento para o crítico literário que necessita dominar as questões relativas aos gêneros literários e, particularmente, o romance. O assunto abordado por Benjamin desperta nos estudiosos de literatura um estímulo em pesquisar sobre o tema, pois refletir sobre o surgimento de gênero caracteriza o entendimento do processo que desencadeia “novos” elementos composicionais de um texto.

Neste momento, uma pausa para salientar a importância de estudar teorias que discutem os gêneros literários. Para conhecer melhor as qualidades distintivas de um tipo de texto, devemos recorrer a alguns teóricos, como Northrop Frye e Luiz Costa Lima e tantos outros, que problematizam as características de cada gênero com seus respectivos subgêneros numa proposta de extrair os rótulos, ou seja, as fórmulas fixas que não cabem no campo literário. Assim, compreender os gêneros não como um procedimento de memorização de conceitos, mas como identificação de um conjunto de expectativas e de seleção de elementos da realidade.

Cientes desta perspectiva de conceber as mudanças dos gêneros literários, em sintonia com o sistema da literatura, a conjuntura social e os valores de cada cultura, voltemos à comparação, entre narrativa tradicional e o romance, proposta por Benjamin, demonstrando uma nova ordem de público que é a burguesia, ainda que o texto benjaminiano ofereça uma análise “capitalista”, não podemos nos deter somente na leitura sob essa ótica. Propomos considerar a evolução, como por exemplo, o surgimento de novas formas de comunicação.

O primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno. O que separa o romance da narrativa (e da epopeia no sentido escrito) é que ele está essencialmente vinculado ao livro. A difusão do romance só se torna possível com a **invenção da imprensa**. (BENJAMIN, 1994, p. 201, grifo nosso)

A citação acima caracteriza transformações sofridas pela literatura em conformidade com determinada conjuntura social. Focalizamos na mudança dos meios de registro das produções artísticas que conferem à tradição literária uma nova envergadura. Nesse sentido, estamos diante de outra contribuição das teorias benjaminianas para aqueles que investigam os conteúdos das obras de arte que estão intimamente relacionadas com sua forma de apresentação.

A questão da materialização e da reprodução das obras de arte foi bastante trabalhada por Benjamin. As novas técnicas e suas aplicações foram analisadas, dentro de uma sequência bem coerente e esclarecedora, que podem ser muito bem aproveitadas para compreensão desta perspectiva “moderna” de divulgação e de acessibilidade de materiais artísticos. O texto benjaminiano pontua vários aspectos que a reprodutibilidade artística suscita e conhecê-las é de fundamental importância para crítico contemporâneo.

Uma preocupação surgida com a era da reprodutibilidade é o teor de autenticidade de uma obra de arte: a existência única que perpetua uma obra na história e caracteriza o artista. Nas próprias palavras de Benjamin (1994), “a autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição”. Daí, ao crítico cabe analisar o original e também suas reproduções numa tentativa de interpretar o processo de criação, privilegiando sempre as condições reais da produção e suas implicações.

Outro aspecto é a destruição da aura que de acordo com Benjamin, é derivada de circunstâncias pautadas nas novas “necessidades” das massas modernas, como por exemplo, a ambição de possuir o objeto, ainda que seja na sua cópia. Todavia, este aspecto torna-se mais compreensível depois da conceituação do termo “aura”, que o próprio Benjamin esclarece.

Em suma, o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que

projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho. (BENJAMIN, 1994, p. 170)

Não podemos deixar de refletir sobre as questões relacionadas ao ritual e à política, pois estas são duas instâncias que garantem presenças direta ou indiretamente no contexto da tradição literária. Para essa abordagem, o cinema faz-se um excelente objeto de análise, pois a trajetória da arte cinematográfica mostra o “poder de interferência” da política, sobretudo tratando-se de filmes que contemplam um público geral, ou seja, pretende atingir o coletivo.

O cinema garante também evidências de valor da exposição na era da reprodutibilidade artística. A importância de questionar esse valor para atribuir significância a uma análise de um conteúdo artístico deve ser um recurso aplicável ao crítico. E nas colocações de Benjamin, de caráter até mesmo metodológico, essa relevância fica perceptível.

O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana. Fazer do gigantesco aparelho técnico do nosso tempo o objeto das inervações humanas — é essa a tarefa histórica cuja realização dá ao cinema o seu verdadeiro sentido. (BENJAMIN, 1994, p. 174)

A obra artística em formato cinematográfico cujas imagens, sonoplastia são alguns dos mecanismos que possibilitam uma intensificação das percepções e reações, oferecendo ao público uma proximidade exigida pelas massas modernas, é uma expressão artística que condiz com a cultura moderna, pois o telespectador é afetado por uma sensibilidade já modificada pelo cotidiano. A sucessão rápida de imagens interrompe a associação de ideias, uma vez que, cria um mundo muito próximo do “real” e o visual mobiliza o leitor.

Na esteira da reprodutibilidade técnica, o texto é um convite para aprofundar em muitas formas de divulgação e acessibilidade de produções artísticas como a fotografia, a pintura, o cinema. Para pesquisas neste campo, temos as teorias midiáticas que estão sendo bastante desenvolvidas atualmente. O crítico literário não pode ignorar o fato de novas formas de apresentação de textos, as diferentes linguagens, sendo assim encontramos já nas reflexões benjaminianas um direcionamento para uma sintonia com a realidade.

O ambiente digital para as artes, em geral, e, particularmente, para a literatura necessita de um melhor conhecimento, ainda que a exploração, como já mencionada, vem sendo realizada, percebemos que estamos muito aquém de um satisfatório domínio do panorama contemporâneo, ou seja, as novas exigências criadas na estrutura social que modificaram as produções artísticas. A rápida inserção de algumas tendências na literatura, como gêneros fluidores, hipertexto, perfil autobiográfico, entre outras, nos revela a grande contribuição de conteúdos teóricos, como os do próprio Benjamin, que tocam nessas características e nos fazem compreender a nossa tarefa mínima: identificar esses recursos.

A situação de pensar as produções contemporâneas e até mesmo esses novos meios de apresentação diante de uma postura que envolve busca por interpretação, ou seja, teorização remete-nos novamente à terminologia “experiência”, a qual funciona como palavra-chave para o entendimento de sua crítica. E, neste trabalho, fundamentam-se as tentativas de demonstrar contribuições dessa teoria para o crítico literário “contemporâneo”.

Por este viés, retomamos mais uma vez a questão da experiência com as considerações da pesquisadora Jeanne Marie Gagnebin, cuja investigação resultou no livro *História e narração em Walter Benjamin*. O livro nos esclarece muitos pontos da obra de Walter Benjamin, contribuindo para uma “crítica da crítica”, pois sua leitura nos fornece condições de estabelecer nosso próprio posicionamento.

...sua visada teórica ultrapassa de longe esses acentos melancólicos. Ela se atém aos processos sociais, culturais e artísticos de fragmentação crescente e de secularização triunfante, não para tentar tirar dali uma tendência irreversível, mas, sim possíveis instrumentos que uma política verdadeiramente “materialista” deveria poder reconhecer e aproveitar em favor da maioria dos excluídos da cultura, em vez de deixar a classe dominante se apoderar deles e deles fazer novos meios de dominação. (GAGNEBIN, 2011, p. 56)

A citação privilegia o valor teórico, ao passo que enfatiza benefícios oriundos de uma interpretação do cenário cultural e político. Além do mais, deixa transparecer os ganhos de um diálogo entre teoria literária e outros discursos, como filosóficos, sociológicos e históricos. Com isso, percebemos mais uma vez o sentido da chamada experiência que realmente nos falta, consentindo com o ponto de vista de Benjamin.

Gagnebin aponta para uma interpretação interessante a respeito da arte de narrar e que atende a proposta desse trabalho em ressaltar o valor utilitário dos estudos benjaminianos. Segundo Gagnebin (2011), a grande questão é fazer uma narrativa que preserve a irreduzibilidade do passado, sem desrespeitar a irreduzibilidade do presente. A autora diz que a questão não foi resolvida, mas reconhece a importância do direcionamento.

Considerações finais:

A eleição do crítico Walter Benjamin para evidenciar questionamentos e contribuições relevantes para a teoria literária, das quais estudiosos dessa área não podem desprezar, foi realizada por meio do conteúdo de seus ensaios. Porém, a perspectiva maior é a demonstração de que essa busca por elementos favoráveis à formação e ao trabalho do crítico pode ser aplicada em diversos materiais teóricos.

Não podemos deixar de salientar para os riscos de aceitação de teorias “problemáticas”, pois não é essa a colocação aqui pretendida. Ao contrário, pretendemos chamar a atenção para o fato de o manejo com a literatura exigir uma formação intelectual com base teórica e também habilidades leitoras.

Walter Benjamin proporciona condições de identificar falhas no processo de investigação crítica de uma obra e “sugere” caminhos para compreensão do contexto literário que passa também por outros contextos e, acima de tudo, por outros conhecimentos. Então, percebemos a contribuição de uma formação interdisciplinar com suas devidas cautelas, ou seja, estabelecendo os limites.

A preocupação com a falta de credibilidade da experiência e da memória literária é muito oportuna para as questões contemporâneas e aqui foram ressaltadas. Sabemos que uma teoria possui seus pontos de questionamentos e com a abordagem benjaminiana não acontece diferente; contudo nos propusemos a destacar, de forma geral, o que pode auxiliar no trabalho interpretativo das produções artísticas.

Verificamos que as transformações culturais que levam ao contato cada vez mais distanciado com a experiência, por consequência, com a tradição, necessitam ser examinadas pelos críticos, uma vez que, esse processo tem influenciado novas produções e modificado a maneira de compreender literatura, o que resulta, em alguns casos, prejuízos na tarefa do crítico. No entanto, o caminho ainda é o conhecimento, o questionamento e o crescimento interpretativo.

Referências:

BENJAMIN, Walter. **Magia técnica, arte e política: ensaios sobre literatura, história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas v. 1)

CANDIDO, Antonio. Introdução. In: **Formação da literatura brasileira** (momentos decisivos). São Paulo: Martins Fontes, 1959.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

PERRONE-MOISÉS, Leila. **Texto, crítica, escritura**. São Paulo: Ática, 1978.

Abstract: The purpose of this text is to work on Walter's Benjamin theories from thoughts about artistic compositions, mainly from the Literature field, within the modern era. The focus is to think about the transformations that occurred on society and, thus, analyze the ways of representation that demand from researches, in other words, theoretical analysis that need to be carry in an interdisciplinary way to provide current and coherent to the of the social, cultural, political and psychological situation.

Keywords: artistic composition; modern theories; Walter Benjamin.

* Ivani Maria Pereira

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0352010840446425>

* Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha: <http://lattes.cnpq.br/0504371515180190>